

LÓGICAS SOCIAIS DO GOSTO

Práticas culturais e distinção social



SOCIAL LOGICS OF TASTE
Cultural practices and social distinction

Júlia Vargas

Universidade Estadual de Campinas

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social | Campinas, Brasil

juliavargasb.jv@gmail.com | ORCID iD: 0000-0003-1029-6661

PULICI, Carolina; FERNANDES, Dmitri (Orgs.). 2019. *As Lógicas Sociais do Gosto*. São Paulo: Editora UNIFESP.

Resumo

Trata-se de uma resenha da obra "As Lógicas Sociais do Gosto", organizada por Carolina Pulici e Dmitri Fernandes, que foi publicada em 2019 e se insere no campo de estudos sociais sobre o gosto, objeto, segundo os próprios organizadores, pouco debatido nas Ciências Sociais brasileiras. A coletânea reúne oito artigos produzidos a partir de diferentes contextos, tempos e experiências metodológicas sobre a produção e a reprodução cultural, em um diálogo importante e possível com o objetivo de "discutir a apropriação diferencial da cultura a partir das especificidades sociais de seu público" (:31). Assim, a partir da leitura dos artigos, busco estabelecer algumas correlações entre eles, e, em seguida, proponho uma análise mais geral, pensando nas possibilidades de ampliação dessas discussões em futuras pesquisas.

Palavras-chave

Lógicas sociais do gosto; Resenha; Gosto; Distinção social; Bourdieu.

Abstract

It is a review of the work "As Lógicas Sociais do Gosto", organized by Carolina Pulici and Dmitri Fernandes, published in 2019 and inserted in the field of social studies on taste, an object poorly debated in Brazilian Social Sciences, according to the organizers. The collection includes eight articles produced from different contexts, times, and methodological experiences on cultural production and reproduction. Together they offer an important and possible dialogue with the aim of "discussing the differential appropriation of culture from the social specificities of its audience" (:31). Thus, from the reading of the articles, I establish some correlations between them, and then I propose a more general analysis, thinking about the possibilities of expanding these discussions in future research.

Keywords

Social logics of taste; Review; Taste; Social distinction; Bourdieu.



A obra “As Lógicas Sociais do Gosto”, organizada por Carolina Pulici e Dmitri Fernandes, foi publicada em 2019 e se insere no campo de estudos sociais sobre o *gosto*, objeto, segundo os próprios organizadores, pouco debatido nas Ciências Sociais brasileiras. A coletânea reúne oito artigos produzidos a partir de diferentes contextos, tempos e experiências metodológicas sobre a produção e a reprodução cultural, em um diálogo importante e possível com o objetivo de “discutir a apropriação diferencial da cultura a partir das especificidades sociais de seu público” (:31). Desse modo, os artigos foram organizados por Pulici e Fernandes em três partes de acordo com os métodos utilizados pelas autoras e autores, bem como a partir dos próprios objetos de estudo e sua hierarquização social.

Assim, na primeira parte, os quatro primeiros textos apresentam abordagens metodológicas qualitativas (entrevistas e análise de arquivos) e tratam das práticas denominadas de “alta cultura” (gastronomia, arquitetura, música clássica e artes plásticas). Em seguida, na segunda parte, outros dois artigos tratam das chamadas práticas culturais “populares” (televisão e teatro). Por fim, na terceira parte, os últimos dois artigos apresentam abordagens quantitativas e realizam diálogos diretos com a obra de Pierre Bourdieu. Os textos, em geral, apresentam abordagens sociológicas sobre diferentes objetos de estudo, tendo como fio condutor as distinções dicotômicas entre o “bom” e o “mau” gosto, o desejo e a repulsa, o preferível e o evitável, bem como o pensamento de Bourdieu sobre as práticas culturais e suas relações com a posse e transmissão das diferentes formas de capitais, demonstrando como o gosto, supostamente individual, responde às lógicas sociais.

Acredito que seja possível estabelecer diálogos essenciais entre os artigos da coletânea e o fazer antropológico e sociológico, uma vez que a obra nos apresenta estratégias teóricas e metodológicas muito potentes para pensar nossas práticas de gosto e de pesquisa. Um desafio, contudo, será desenvolver uma síntese de todos os trabalhos ao longo dessas poucas páginas, então opto por apresentar brevemente os artigos, buscando estabelecer algumas correlações entre eles, e, em seguida, proponho uma análise mais geral, pensando as possibilidades de ampliação dessas discussões em futuras pesquisas.

*

Gastronomia, arquitetura e música clássica são os campos culturais em que se inserem os objetos de estudo dos três artigos contidos na primeira parte da coletânea: “A Alimentação Solene e Parcimoniosa: Práticas Gastronômicas como Fonte de Distinção das Elites Paulistanas”, de Carolina Pulici; “Moderno sob Medida: Produtores e Clientelas do Mobiliário Paulistano”, de Camila G. Rosatti; “Pode Aplaudir que a Orquestra é Sua: O Recrutamento Social do Quadro de Assinantes da OSESP como Estratégia de Consolidação”, de autoria de Ricardo Teperman. Os três artigos apresentam abordagens qualitativas em torno dessas práticas que são denominadas “alta-cultura” (termo que inclusive remete a uma noção de um “status superior”), compreendendo, sobretudo, o universo das elites paulistanas.

O texto de Carolina Pulici se baseia na compreensão das práticas alimentares como práticas socialmente distintivas, que marcam a distância da elite brasileira em relação às classes populares, aproximando-a das práticas europeias de consumo alimentar. Além disso, essa compreensão permite, como nos indica a autora, “ler uma classe por meio da alimentação” (2019:42), identificando como a disposição de capitais cultural, econômico e social permite determinados acessos a práticas de consumo em relação à alimentação, conduzindo-nos potencialmente a aspectos chave da realidade das elites brasileiras. Desde os tipos de alimentos, até a quantidade consumida, passando pelo comportamento e postura *solenes* e *parcimoniosos* ao se alimentar, os interlocutores entrevistados pela autora descrevem suas práticas e opiniões a respeito de seus próprios costumes alimentares: o consumo em pequenas quantidades, o desprezo por certos tipos de alimentos e por determinados comportamentos à mesa, entre outros aspectos, constituem uma “moral gastronômica” (2019:48-49) que marca a distinção social: a distância do outro não-membro do mesmo grupo (a elite), cujas práticas culturais (pois extrapolam a esfera alimentar) são consideradas inferiores.

Nesse sentido, Camila Rosatti compreende que “as escolhas e as predileções em matéria de habitação são resultado das aquisições culturais, das aprendizagens estéticas e das redes de pertencimento” (2019:68) dos indivíduos. A autora, ao

analisar o cenário paulistano dos anos 1950 do consumo de móveis modernos, a partir da produção de três arquitetos precursores dessa linguagem, demonstra também como o consumo de determinados produtos figura como práticas distintivas da elite, que na época se opunha significativamente às tentativas de “massificação” e democratização da produção desse tipo de design, protagonizada no artigo pelo arquiteto Zanine Caldas.

Esse conflito entre os arquitetos, apresentado por Rosatti, traz relevo à oposição entre o que é “popular” e o que estaria, digamos, em uma esfera mais “exclusiva”, que também aparece em vários outros textos, e destaco aqui o artigo de Ricardo Teperman, sobre a Orquestra Sinfônica de São Paulo - OSESP (mencionado anteriormente). O texto busca discutir as estratégias empreendidas pela OSESP para atrair assinantes, e apresenta também os limites de um discurso que se propõe a democratizar e popularizar a música erudita - compreendida no rol da “alta-cultura” como um campo altamente distintivo. Essas limitações são enfatizadas a partir das diferentes estratégias adotadas pela orquestra para atrair o público, como preços de ingressos reduzidos, maior quantidade de horários e concertos ao longo do ano. Ao mesmo tempo, a busca pelos assinantes era também marcada por noções como “pertencimento”, “exclusividade”, “amor à música clássica” e outros como “signos de distinção social” (2019:130), demonstrando um certo reforço a uma dimensão de eminência da música clássica no campo cultural, ao que seria o privilégio de participar dessa coletividade.

O teatro e as artes plásticas também aparecem na obra a partir de outros dois textos. O artigo “Cidades, Palcos e Públicos: Rio de Janeiro e São Paulo em Dois Atos”, de Heloísa Pontes e Rafael do Nascimento Cesar, realiza um percurso histórico da consolidação do teatro nessas duas metrópoles a partir da trajetória de duas artistas que marcaram a história do teatro pelo rompimento ou modificação de padrões, especialmente de gênero, que representaram a época por meio de suas histórias de vida e performances, assim como suas próprias inserções neste campo. Já o texto de Louis Pinto, traduzido para a coletânea e intitulado “O Discurso Cultivado sobre a Arte: O ‘Musée Égoïste’ do Nouvel Observateur”, faz uma análise documental de uma série de artigos publicados em uma coluna francesa sobre artes visuais e discute como a posição social de quem escreve e o prestígio em torno de cada

obra selecionada, bem como as escolhas textuais de cada autor, são relevantes para compreender o consumo e a percepção da elite francesa em torno deste campo cultural. Além disso, pensar o “discurso cultivado” enquanto forma de distinção social é uma abordagem muito interessante, uma vez que nos permite observar a multiplicidade de modos de expressão do gosto e da distinção.

Já o texto “Uma Janela Para o Mundo: A Apreciação Socialmente Diferenciada de Telejornais Policiais Brasileiros”, de Dmitri Fernandes e Fábio Ricardo. Ribeiro analisa a recepção de telejornais policiais brasileiros, especialmente “Brasil Urgente” (Bandeirantes) e “Cidade Alerta” (Record), e as performances de seus apresentadores. Os autores realizaram questionários socioeconômicos e grupos focais com jovens oriundos de diferentes contextos: uma escola pública em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais e uma escola particular em uma grande cidade do mesmo estado. Ao comparar os dois grupos, foi possível notar correlações entre o acúmulo ou não de capitais econômicos e culturais e a recepção negativa ou positiva em relação a essas produções jornalísticas. Ademais, os autores observam como os discursos proferidos por esses telejornais são recebidos e apropriados pelos jovens entrevistados, algumas vezes quase literalmente no caso dos estudantes da escola pública. Foi observado que esses telejornais projetam a ideia de que eles transmitem a “realidade como ela é”, além de outras noções consideradas conservadoras, como a ideia de que o país nunca esteve tão perigoso quanto atualmente, ou que a punição a criminosos deve ser a mais severa possível e que os políticos são todos corrompidos. Discursos esses, inclusive, bastante difundidos no contexto político brasileiro atual. Outra questão interessante a se pensar é que esses telejornais são postos em comparação a outras produções jornalísticas mais “tradicionais”, que são rejeitadas pelo público muitas vezes por serem de difícil entendimento e exigirem, talvez, um maior capital cultural para compreender as informações transmitidas.

Assim, Fernandes e Ribeiro chegam a resultados que dialogam diretamente com Bourdieu, bem como os dois últimos textos da coletânea: “Consumo Cultural e Manutenção das Distâncias Sociais no Brasil”, de Edison Bertoncello, e “Sobre a Transformação do Sistema de Gostos na França”, de Julien Duval. O primeiro nos conduz a uma análise quantitativa sobre usos do tempo livre e dos espaços nos

processos cotidianos, pensando “o papel da cultura e dos estilos de vida para a produção e reprodução de hierarquias e desigualdades” (2019:231) no cenário brasileiro. Os resultados reiteram a perspectiva de que as práticas culturais, no que se refere ao acesso e consumo cultural, se relacionam homologamente com as desigualdades e posições sociais. O texto de Duval, por sua vez, se propõe a refletir sobre a aplicabilidade e as permanências contemporâneas da análise realizada por Bourdieu nas décadas de 1960 e 1970 sobre o sistema de gostos na França em “La Distinction” (1979). Duval parte de uma série de pesquisas realizadas pelo Ministério da Cultura francês em âmbito nacional e observa, trinta anos depois, as transformações desse cenário em relação àquele analisado por Bourdieu.

*

“As Lógicas Sociais do Gosto” nos indica a importância de se olhar para a apropriação e recepção das práticas culturais, o gosto, como objeto de pesquisa e, portanto, sujeito a questionamento e contextualização, observando as mudanças e variações históricas, sociais, culturais e econômicas. Os velhos, mas não ultrapassados, debates sobre as relações indivíduo e sociedade, natureza e cultura, aparecem aqui como discussões ainda muito latentes. Gosto, afinal, não é tão individual assim. Estão sujeitos, como nos mostram as e os autores, à detenção e transmissão de capitais econômico, social e cultural. Relacionam-se, portanto, às estruturas sociais, e se inserem em relações em que até mesmo o acesso a bens e práticas culturais são marcados pelas desigualdades.

A distinção social aparece, assim, como um elemento chave para pensar essas relações, uma vez que o gosto emerge como um instrumento de diferenciação. Parece haver um jogo entre estratégias de individualização, no sentido de se distanciar de determinados grupos ou classes sociais e de expressar uma individualidade e personalidade próprias e, ao mesmo tempo, de inserção em outros determinados grupos, de participação em coletividades cujas características e marcas simbólicas são apreciadas socialmente. Isso pode ser visto sobretudo a partir dos trabalhos que discutem as práticas culturais da elite, em campos considerados da “alta-cultura”, como gastronomia e música clássica. O desprezo dos ricos pelo “arroz e feijão”,

atribuído às classes populares e ao que seria “tipicamente brasileiro”, trazido pelos interlocutores de Pulici, ou mesmo a resistência de arquitetos da “alta sociedade” paulistana em massificar e popularizar a produção de móveis modernos em detrimento da “exclusividade” de peças desenhadas e produzidas por encomenda presente na pesquisa de Rosatti, são exemplos bastante emblemáticos. O apreço pelo exclusivo e o desprezo pelo popular (nos vários sentidos desses dois termos), parece ser uma marca dos padrões de consumo e preferências culturais das elites, grupos cujas pesquisas sociológicas e antropológicas merecem intensificação.

Pensando sobre potenciais desdobramentos e possibilidades de pesquisa dentro deste campo, acredito ser interessante olharmos também especificamente para como outros elementos se entrecruzam com a posse de capitais e marcam as experiências do gosto, como raça e gênero, por exemplo. Como a detenção de capitais, a racialidade e o gênero se inter-relacionam e aparecem na recepção e apropriação das práticas e circuitos culturais? Outro ponto interessante seria também refletir mais especificamente sobre como essas relações são apropriadas pelo mercado, e como se dão na prática as conexões forjadas entre as “lógicas sociais do gosto” e sistema capitalista.

Além disso, a regionalidade parece ser outro elemento importante aqui. Praticamente todas as pesquisas inseridas na obra resenhada no presente artigo se inserem em contextos urbanos de centralidade da produção cultural (além da centralidade política, econômica e social), especialmente a cidade de São Paulo, (bem como seu eixo com o Rio de Janeiro - que aparece em um artigo), e a França. Somente um dos artigos presentes no livro é fruto de pesquisa realizada em cidades do interior, mas ainda assim em um estado do Sudeste, além de outro artigo que apresenta o contexto brasileiro em geral. Desse modo, as pesquisas contempladas pela coletânea nos apresentam reflexões muito interessantes, mas localizadas em contextos bastante específicos. Assim, reflexões sobre os impactos da regionalidade e das particularidades contextuais no que se refere ao gosto, e/ou debates que trouxessem uma maior diversidade regional, considerando a ampla variação das práticas culturais no Brasil, teriam tornado a obra ainda mais potente. Ademais, ir além das perspectivas do “centro” e privilegiar a pluralidade e diversidade de olhares, locais e pesquisas que vêm sendo produzidas fora do eixo sudestino é

também um debate necessário no campo acadêmico brasileiro, em suas diversas áreas.

Assim, no geral, partindo de debates diretos com a teoria de Bourdieu, a coletânea advoga pela importância de fortalecer o campo de estudos sociais sobre o gosto no Brasil, considerando que ainda há muito a se pensar e investigar sobre como e o que nossas práticas e preferências culturais têm a nos dizer sobre as estruturas sociais, como são produzidas e reproduzidas. É preciso, portanto, expandir as pesquisas, pensando também como gênero, regionalidade, raça e outros aspectos marcam a experiência individual e as lógicas sociais do gosto.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. 1979. *La distinction, critique sociale du jugement*. Paris: Les Editions de Minuit.
- PULICI, Carolina; FERNANDES, Dmitri (Orgs.). 2019. *As Lógicas Sociais do Gosto*. São Paulo: Editora UNIFESP.

Recebido em: 30/04/2021

Aceito em: 05/06/2021